

Cristandade católica, teologia da prosperidade pentecostal e predestinação calvinista: elementos epistemológicos do cristofascismo bolsonarista

*João Melo e Silva Junior*¹

Resumo: Um discurso religioso de linguagem cristã tem sido usado como estratégia de comunicação desde as eleições presidenciais de 2018 e continua sendo usado para a manutenção do caráter autoritário do atual governo federal. Fábio Py chama de cristofascismo essa instrumentalização teológica feita a partir do fundamentalismo evangélico e o conservadorismo católico que promovem com linguagem cristã as posições do governo genocida brasileiro. Para além da constatação dessa forma de utilização teológica, buscamos elencar elementos centrífugos da epistemologia teológica que compõem o cristofascismo bolsonarista e que revelam os grupos religiosos e o maquinário que produz e sustenta essa cristologia fascista. A partir de uma revisão bibliográfica dos escritos de Fábio Py, combinada à apreciação de reflexões de outros teólogos e cientistas da religião que analisam o fenômeno em metodologia qualitativa teórica, identificamos o ideário de cristandade católica, a teologia da prosperidade pentecostal e a doutrina da predestinação calvinista como componentes teológicos fundacionais que, embora provenham de distintas doutrinas cristãs, de diferentes igrejas, se amalgam e articulam um cristianismo amplamente aceito no Brasil.

Palavras-chave: Cristofascismo bolsonarista. Cristandade. Teologia da prosperidade. Predestinação calvinista.

INTRODUÇÃO

Cristofascismo brasileiro ou cristofascismo bolsonarista é a categoria que o teólogo e cientista social Fábio Py tem usado para nomear a conexão entre uma governança autoritária do atual governo federal e os setores das grandes estruturas religiosas católicas e evangélicas conservadoras que se moldaram nos últimos vinte anos (2020a, p. 28).

Fábio Py elege um vasto referencial teórico na busca de novas tipologias que deem conta dessa realidade. Para isso, dentre outros autores, ele se apoia em Michel Foucault (2008) para mapear uma arqueologia do bolsonarismo, escavando as vontades teológicas que o compõem; Mas também em Ernst Troeltsch (1979) para afirmar que o cristofascismo bolsonarista, enquanto expressão de um tipo de cristianismo amplamente aceito no Brasil, transcorre na história por meio de um fluxo de eventos e ideias interconectados, portanto passíveis de serem situados historicamente; Ele também se apoia em Michael Lowy (2020) para demonstrar que o bolsonarismo tem se configurado nesse tempo de pandemia como um neofascismo; E em Achille Mbembe (2014) que caracteriza como necropolítica as ações e omissões governamentais que geram a morte.

¹ Graduação em Filosofia (UNIFAI), graduando em Teologia (FAJE).

Além deles, Py também se utiliza da ideia de teologia autoritária de Carl Schmitt (1988), a fim de mostrar como o fundamentalismo religioso tem sustentado um poder autoritário no Brasil de Bolsonaro, e que este tem se configurado como verdadeira teologia do poder. Com efeito, para Fábio Py, o maquinário que produz e sustenta essa cristologia fascista é composto, no dizer de Antônio Gramsci (1982), por “intelectuais”, líderes e grupos religiosos específicos que pretendemos aqui nomear.

Por fim, a ideia mesma de cristofascismo é uma adaptação que Fábio faz do termo cunhado pela teóloga alemã Dorothee Sölle (1970, p. 16), que criou a expressão diante da análise do nazismo alemão e dos supremacistas brancos dos EUA. Hitler, como Bolsonaro, tinha uma relação próxima com grupos religiosos de seu tempo. Ao cunhar o termo cristofascismo, Sölle apontava as relações de integrantes do partido nazi com as igrejas cristãs no desenvolvimento do estado de exceção alemão, quando o governo nazista se utilizou das relações e das terminologias cristãs para sua composição, assim como se reconhece hoje no bolsonarismo (PY, 2020a, p. 28).

Logo, quando Fábio Py utiliza o termo cristofascismo, diferencia-se da importante teóloga, uma vez que busca perceber a teologia autoritária (SCHMITT, 1988) que firma a base do governo fascista de Bolsonaro (PY, 2020a, p. 28-29).

Quanto ao nosso texto, não analisamos o caráter fascista, autoritário ou genocida do atual governo federal, mas o aparelhamento teológico que busca legitimá-lo. Nosso foco, portanto, são os elementos epistemológicos apontados por Py que respaldam e sustentam o caráter cristofascista da governança bolsonarista, sem, contudo, pretender esgotá-los em conteúdo e articulação. Chamamos de elementos epistemológicos porque supõem a realização concreta de um teologizar que está sendo feita nesse tempo de desgoverno, e cujos elementos centrífugos ou fundamentos teológicos os elencamos a seguir. Chamamos de “cristofascista” porque instrumentaliza a governança bolsonarista pelo fundamentalismo evangélico e o conservadorismo católico (PY, 2020a, p. 9).

Faz-se mister afirmar desde já que o recorte das expressões religiosas que nesse texto assinalamos, não se referem a todos os líderes religiosos e nem a todos os fiéis das tradições religiosas aqui mencionadas.

Ao longo do texto, os termos (neo)cristandade, (neo)pentecostalismo e (neo)calvinismo são usados com ou sem o prefixo “neo”. Essa variação deve ser tomada como sinônima em todos os casos, apesar de diversos autores considerarem esses termos prefixados ou não, com significados distintos em conteúdo e referência histórica. Mesmo cientes dessa problemática, preferimos não os diferenciar para simplificar nossa abordagem.

1 (NEO)CRISTANDADE CATÓLICA

Por cristandade católica entendemos um cristianismo sociológico que nasceu pelo amalgamento entre a primitiva fé cristã vivida em comunidade e o Império Romano. Ao

longo dos séculos, essa cristandade católica foi se expandindo pelo Europa, chegando às praias brasileiras via colonização. Uma narrativa ilusória desse processo, tem dado margem ao romancismo de que a cristandade católica teria forjado a nação brasileira. Esse cristianismo sociológico hegemônico tem suas bases nas instituições familiares, educativas e sociais, criadoras de ‘sociedades católicas’ (PY, 2020b).

Contudo, a experiência de países de longa tradição cristã tem demonstrado que o ideário da cristandade não é neutro e não diz respeito somente a relação de influência de valores religiosos em uma sociedade. Antes, diz respeito a uma configuração específica, diríamos mesmo degenerativa, do cristianismo que sustentaria ou justificaria um maquinário governamental que ampara o estabelecimento de uma expressão social autoritária e dominadora, no caso do atual Brasil, com ares de fascismo. Portanto, quando falamos de cristandade católica, não estamos nos referindo somente a uma relação de influência neutra dos valores cristãos na sociedade brasileira, estamos falando de um projeto aos moldes colonizadores (LIBÂNIO, 2003, p. 179).

Essa aspiração de hegemonia dominadora da Igreja Católica se revestiu de diversas justificativas teológicas e políticas ao longo do tempo. Com efeito, o catolicismo tratou de criar uma doutrina que justificasse a catequização, mesmo que pela violência, precisamente pela ideia de superioridade: A Igreja Católica teria a totalidade do Cristo e da salvação humana, como expressa o axioma exclusivista ‘fora da Igreja não há salvação’. As outras tradições religiosas e culturas não cristãs teriam rastro da verdade de Deus, isto é, ‘sementes do Verbo’ que careceriam do Evangelho para chegar à plenitude da verdade da unicidade e universalidade salvíficas de Cristo e da Igreja (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2000). Nesse sentido, a fé católica cooptaria as outras tradições, incorporando os elementos que podiam ser considerados compatíveis com a sua tradição. O restante seria ignorado.

Na verdade, esse horizonte ideológico de cristandade católica existiu em um cristianismo sociológico que está morrendo na Europa e no Brasil. Contudo, sempre há os que apostam na sua conservação, mormente os redutos do conservadorismo católico. Apesar da hierarquia católica já ter dado passos abandonando esse horizonte, seja em expressões do magistério da Santa Sé, seja nos vários documentos e pronunciamentos da CNBB em que ambas pressupõem o óbito da cristandade, no Brasil há forças que ainda impulsionam essa ideologia.

O historiador católico J. Delumeau aponta que expressões do cristianismo que se fundaram na coerção, na teologia do medo, no apoio do Estado e na ignorância popular que aceita a imposição doutrinal, fracassaram ao longo da história (LIBÂNIO, 2003, p. 29-30).

De fato, seja na corrida eleitoral de 2018, seja sempre que vê sua popularidade questionada, Jair Messias Bolsonaro e os “intelectuais” (GRAMSCI, 1982) de sua cúpula articulam um reajuste de sua base social, aumentando o tom de seu discurso cristão. Em resposta ao contexto mundial e brasileiro de pandemia da COVID-19, por exemplo, acirrou ainda mais a associação de seu governo ao cristianismo (PY, 2020a, p. 24).

Ao perceber a perda de apoio popular por relativizar a quarentena pela pandemia do novo coronavírus, Bolsonaro instrumentalizou a comemoração da Páscoa dos anos 2020 e 2021, conclamando dias de jejuns nacionais e se reunindo com líderes religiosos para rezar pelo fim da pandemia. Nessa aposta pela retomada do apoio popular, os “intelectuais” (GRAMSCI, 1982) do governo miraram seus recursos em uma estratégia de relacionar a imagem de Bolsonaro com a figura de Jesus Cristo. A ressurreição de Cristo e de sua vitória sobre a morte foram comparadas pelo presidente à facada que sofreu no processo eleitoral de 2018, mas que venceu para exercer a missão de defesa da nação (PY, 2020a, p. 24).

Essa operação de utilização da religião para legitimar e ampliar o autoritarismo se estabelece porque o bolsonarismo fabrica intencionalmente uma “guerra dos Deuses” (LOWY, 2000) a partir de uma “teologia do poder” (SCHMITT, 1988), sustentada na memória do ideário da cristandade católica, de um Cristo europeu colonizador: sacrificialista e expiatório das minorias sociais, inclusive dos idosos mais vulneráveis ao Covid19. O apelo à religião é usado como estratégia de comunicação para a manutenção do caráter autoritário de seu governo (PY, 2020a, p. 25).

Bolsonaro, que se diz católico, evoca a tradição do catolicismo, ao qual ele foi criado, como a responsável pela descoberta do Brasil e pela formação da nação. De fato, ele evoca o ensino e a educação católicas como protagonistas do esclarecimento do Brasil, assumindo o processo de colonialismo português como estabelecimento da identidade nacional e religiosa do povo. Essas aferições mascaram por completo o projeto de genocídio das populações indígenas e afrodescendentes no processo da violenta Conquista do Brasil, perpetuados ainda hoje (ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989, p. 286).

A neocolonização que supõe e aspira a ideologia da neocristandade católica, articula as ideias de nação e de família brasileira com os esquemas rígidos e conservadores de fé, tradição, família e propriedade. O orbe do conservadorismo católico é formado por católicos fundamentalistas e expressões da Renovação Carismática Católica (RCC), no dizer de Gaël Brustier (2018), os “tradismáticos” de extrema direita (TINCQ, 2018). Esse grupo empresta ao bolsonarismo o elemento epistemológico básico para a construção de uma teologia do poder autoritário que Fábio Py chama de cristofascismo: o substrato ideológico que incute um falso saudosismo de um Brasil que teria um glorioso passado cristão cuja restauração faz-se necessária.

1.1 EXPRESSÕES DA NEOCRISTANDADE CATÓLICA

Os segmentos da RCC e do conservadorismo tradicional católico que apoiam o cristofascismo estão particularmente ligados ao setor de TV's de inspiração católicas, a saber, Canção Nova, TV Pai Eterno, Rede Vida, TV Século XXI e TV Evangelizar é preciso, todas essas, emissoras que foram em busca de apoio do governo federal para manter suas programações no ar (CNBB, 2020).

Destacam-se também os midiáticos Pe. Paulo Ricardo, apoiador de Bolsonaro e amigo do ideólogo do bolsonarismo, o também católico Olavo de Carvalho (PY, 2021); o Pe. Reginaldo Manzotti, que participa de campanhas de jejum dos evangélicos e de programações religiosas do presidente (PY, 202b); o Mons. Jonas Abib, fundador da Comunidade Canção Nova que recebeu o presidente na sede de sua comunidade, e performatizando uma oração de “batismo no Espírito Santo” sob Bolsonaro, comparou-o à figura do rei Salomão (CANÇÃO NOVA, 2018); o Pe. Eduardo Dogget, jesuíta responsável pela TV Século XXI (Ibidem, 2018), que participou da mesma cerimônia em que Abib rezou em Bolsonaro, e que numa reunião com o presidente chegou a pedir ajustes no seu passaporte; o deputado federal Eros Biondini, cantor católico e articulador do segmento carismático dentro do Congresso (BIONDINI, 2019).

2 TEOLOGIA DA PROSPERIDADE (NEO)PENTECOSTAL

A teologia da prosperidade neopentecostal brasileira tem suas raízes no surgimento do pentecostalismo, em 1910, da Igreja Assembleia de Deus e da Igreja Congregação Cristã do Brasil. Py explica que, sem financiamento estrangeiro, essa primeira onda pentecostal se inspirava no evento bíblico de pentecostes como um avivamento evangelístico. Apesar da maior parte de seus adeptos serem apoiadores do bolsonarismo, essas igrejas parecem não estar comprometidas visceralmente com o projeto cristofascista do governo federal (PY, 2020b). Mesmo assim, alguns líderes religiosos como Silas Malafaia, da Assembleia de Deus, são umbilicalmente ligados ao bolsonarismo (MALAFAIA, 2020).

Entre os anos de 1940 e 1950, Py aponta que aparecem as igrejas financiadas pelo capital estrangeiro, via de regra estadunidense, cujos grandes magnatas circulam por todo o Brasil, evangelizando particularmente o setor operariado, e utilizando-se de linguagens midiáticas da época, arrebanhando um grande número de adeptos. A igreja O Brasil para Cristo, por exemplo, surge nessa época. Esse novo grupo está mais ligada ao projeto de imperialismo americano por meio da expansão de setores religiosos no Brasil e da vinda de missionários estadunidenses que promovem um fundamentalismo da leitura da Bíblia, cruzadas nacionais de evangelização e apregoam a cura divina como intervencionismo milagroso. Esse tipo de discurso religioso faz sucesso entre as camadas sociais mais empobrecidas e marcadas pela grande injustiça social. Suas instituições enfileiram o apoio ao bolsonarismo (PY, 2020b).

Para Fábio Py, a teologia da prosperidade nasce de fato no Brasil a partir dos anos 1970, com a chamada onda neopentecostal, inaugurada por expressões religiosas como a Igreja Universal do Reino de Deus, a Renascer em Cristo, a Internacional da Graça de Deus, etc. Tratam-se de religiões que seus líderes são todos empresários poderosos e que estão absolutamente vinculadas ao Bolsonaro. Apropriando-se da herança católica do ideário de neocristandade, a teologia da prosperidade neopentecostal sonha com a concretização distópica de uma nação brasileira que, formada por Deus pela colonização, Ele quer que prospere. Na verdade, a teologia da prosperidade neopentecostal não fomenta um sonho comunitário, antes, trata-se da afirmação de que na vida terrena você já pode conseguir benefícios de

Deus, se lutar espiritualmente contra as forças do mal para ter sucesso na sua vida individual. Trata-se de uma vertente teológica onde se busca de Deus o triunfo pessoal. A riqueza, seja por quaisquer meios, é sinal de benção divina. De modo que a riqueza daqueles que na nação comungam com essa visão, é a prosperidade querida por Deus que formou essa nação para si. O neoliberalismo se coaduna perfeitamente com esse sistema religioso (PY, 2020b).

Os evangélicos neopentecostais desse segmento são os verdadeiros operários do cristofascismo bolsonarista. Eles compõem expressões de um neopentecostalismo mais estridentes, televisivos e midiáticos, sempre ligado aos setores empresariais dos evangélicos, em claro e muitas vezes incondicional apoio ao bolsonarismo, mobilizando as suas bases para a adesão política em massa (PY, 2020a, p.31)

O presidente Jair Messias Bolsonaro é casado com uma evangélica e foi batizado no Rio Jordão pelo pastor Everaldo, que embora processado por corrupção, é uma forte liderança político-evangélica. De fato, em um país cada vez mais ‘terrivelmente evangélico’, Bolsonaro tem usado um texto bíblico como slogan de sua campanha e de seu governo, texto esse que foi escolhido em reunião por Edir Macedo, Silas Malafaia e outras lideranças religiosas, ainda em 2018. O texto em questão já era usado em companhias evangelísticas, o que faz de Bolsonaro o herdeiro dessa significância pautada por essas estruturas religiosas (PY, 2020b).

Os “intelectuais” (GRAMSCI, 1982) neopentecostais têm colaborado na construção da mitologia do homem ungido que sobreviveu à facada para governar o Brasil e levar-nos ao desenvolvimento. Atualmente, ao reeditar características cristológicas sobre a trajetória de Bolsonaro, eles visam sensibilizar setores religiosos para apoiar as atitudes irresponsáveis da relativização da quarentena da COVID-19 (PY, 2020a, p. 30).

Como se indicou até aqui, o bolsonarismo verniza seu discurso com tons messiânicos de salvação política do Brasil. Em sua estratégia para mobilizar sua base conservadora religiosa, Bolsonaro oferece variadas e públicas manifestações de fé, mostrando ter conhecimento da história do cristianismo, da Bíblia e principalmente de fragmentos bíblicos-chave na intenção de apresentar-se como messias cristão (PY, 2020a, p. 38).

A base de sustentação do governo Bolsonaro constituiu-se na articulação da Frente Parlamentar Evangélica (FPE). Ela, que tanto é um braço político de apoio parlamentar tanto de Bolsonaro quanto de seus religiosos (pastores, missionários e bispos), tem aparelhado teologicamente a política de Bolsonaro blindando-o nos tempos de pandemia, a partir da promoção, com linguagem cristã, das posições do governo genocida brasileiro (PY, 2020a, p.10). Na verdade, a FPE sempre age nos momentos mais tensos do mandato, protegendo o presidente teologicamente, para assim ajudar no sustento presidencial autoritário de Bolsonaro (PY, 2020a, p. 22-23). A artimanha construída pela cúpula do presidente cristofascista o desenha numa cristologia profana, apontando-o como messias, servo sofredor, ungido e eleito da nação (PY, 2020a, p. 30).

Entretanto, a origem do cristofascismo bolsonarista está vinculado a um espaço deixado em aberto, que antes era ocupado por expressões cristãs comprometidas com questões sociais e que foram se distanciando das periferias, e por grupos sociais e políticos de esquerda que por conta de suas reflexões mais críticas, quase sempre desprezaram a religião e, principalmente, os setores evangélicos que foram crescendo entre os mais pobres. De fato, as expressões religiosas evangélicas geralmente são tratadas pelos intelectuais de esquerda como manipuladoras ou dentro do esquema do senso comum. A presença e o sucesso do bolsonarismo nesses meios é resultado desta falta de diálogo com esses que são taxados de pouco letrados (PY, 2020c)

Nesse sentido, os setores críticos da esquerda permitiram a construção do bolsonarismo internalizando a lógica da elite intelectual brasileira que é profundamente preconceituosa com os evangélicos. Isso porque os evangélicos, hoje, nada mais são do que o retrato das periferias. “Assim, o que acontece é uma nova face do racismo brasileiro a partir do meio letrado, que é dito ser tão aberto às pluralidades e liberdades, mas que tem problemas de diálogo com as comunidades, roças e favelas” (PY, 2020c).

No geral, para essa camada sociorreligiosa, interessa a discussão da batalha espiritual, pois a preocupação é lutar para comer e beber. Por essa razão, a teologia da prosperidade neopentecostal encontra terreno fértil nas periferias evangélicas, pois possui uma linguagem de luta para se ungir e conseguir as “vitórias”, as “graças” de Deus, para viver com dignidade (Py, 2020c).

O discurso da guerra, e da guerra espiritual contra o mal que impediria a prosperidade, e mesmo a luta para arrancar de Deus a vitória, foram melhor assimilados pelas grandes corporações evangélicas pentecostais. Assim, podemos explicar o ajustamento do discurso com a figura de Bolsonaro. Bolsonaro evoca quase sempre o clima de guerra (PY, 2020c).

É nessa guerra pelo Deus cristão que Bolsonaro alimenta a base do governo autoritário ao reforçar sua gestão do ideário maniqueísta. Ao se assumir como presidente dos cristãos, simplifica os conflitos políticos, que passam a se dar em embates entre bem versus mal. Neste arranjo, a guerra dos Deuses se traveste na luta entre aqueles que representam o mal, em uma alegoria caricatural dos “comunistas” ou dos “petistas”, e entre aqueles também alegoricamente expressos como cidadãos de bem (PY, 2020a, p. 25).

O Brasil vive um período de transição em que a maior parte da população será evangélica. Essa mudança pode operar uma reconfiguração do laicismo do Estado (FONSECA, 2018).

2.1 EXPRESSÕES DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE (NEO)PENTECOSTAL

Há aqui inteiras instituições religiosas que funcionam como catalizadoras do apoio popular para a adesão ao cristofascismo brasileiro. Alguns exemplos, dentre as mais conhecidas e influentes, são a Igreja Universal do Reino de Deus, O Brasil para Cristo, Renascer em Cristo, Internacional da Graça de Deus, Deus é Amor, etc. (PY, 2020b). Os empresários e líderes religiosos dessas instituições, figuraram cerimônias religiosas de unção e de orações, reconhecendo Bolsonaro como o presidente escolhido por Deus para governar a nação. Os mais midiáticos que se destacam são Edir Macedo, Silas Malafaia, Marcos Feliciano, R.R. Soares, Valdomiro Santiago, Pr. Everaldo, Estevam Hernandes, Magno Malta, Apóstolo César Augusto, Fundador da Igreja Fonte da Vida, entre outros.

Enquanto instituição política, a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) é o reduto principal dessa expressão de teologia da prosperidade neopentecostal dentro do governo brasileiro (PY, 2020a, p.4). Também circulam por entre o pentecostalismo clássico, a ministra Damares Regina Alves e a deputada Carla Zambelli (PY, 2020b).

3 PREDESTINAÇÃO (NEO)CALVINISTA

As reformas protestantes europeias tiveram como principais protagonistas Lutero, Zwinglio e Calvino. Py informa que hoje convencionou-se chamar de reformados os cristãos de igrejas do protestantismo tradicional de influência calvinista que são tidos como mais conservadores (PY, 2020b). De fato, historicamente, Calvino operou de forma mais direta no Estado uma reforma autoritária a partir de uma base epistêmica consignada por ele: a predestinação divina, isto é, a eleição incondicional e irresistível, desde a eternidade, da graça de Deus sobre um número de eleitos (CALVINO, p.388-390).

Nesse sentido, esses eleitos formariam uma elite, enquanto os outros estariam fadados à depravação eterna. A teocracia instaurada por Calvino em Genebra colocou o Estado a serviço da religião como instrumento de coerção social. No Brasil, as Igrejas de inspiração neocalvinistas preservam uma aspiração quase que monarquista, profundamente alinhada com o projeto de governo de Bolsonaro.

A atuação desse segmento é mais discreta e menos perceptível. Os “intelectuais” (GRAMSCI, 1982) do neocalvinismo são os verdadeiros técnicos do bolsonarismo. Para eles, o cristianismo deve reivindicar sua hegemonia porque possui uma superioridade cultural e moral. Em outras palavras, eles possuem interesse pelo campo da cultura, dos direitos humanos e da educação porque seu alvo é onde os valores morais são disputados, a fim de implantar na esfera pública do país a cosmovisão cristã (PACHECO, 2020).

Além disso, “poderíamos dizer que Weber defende que os calvinistas acabaram em algum momento por identificar o sucesso econômico como um sinal da eleição divina, e que isto teria, de algum modo, contribuído na história da evolução do capitalismo” (OLIVEIRA, *apud* JUNGES, 2009, p.19).

3.1 EXPRESSÕES DE PREDESTINAÇÃO (NEO)CALVINISTA

Segmentos da Igreja Batista (Atitude, Alagoinha), a Igreja Presbiteriana do Brasil, a Universidade Presbiteriana Mackenzie, a Igreja da Trindade, a Associação Nacional de Juristas Evangélicos (Anajure), o Pr. Franklin Ferreira (Coalização pelo Evangelho), Sérgio Queiroz (Fundação Cidade Viva), Guilherme de Carvalho (Igreja Esperança), Augusto Nicodemos Lopes, entre outros. (PY, 2020b).

O maquinário do cristofascismo é absolutamente dependente dos ideólogos, juristas e especialistas do campo educacional que provém dessas igrejas e instituições tradicionais do protestantismo do Brasil porque são eles que sustentam tecnicamente o bolsonarismo. Haja visto a passagem de André Mendonça, Milton Ribeiro e Benedito Guimarães Aguiar Neto pelos estratégicos ministérios da justiça, da educação e pela presidência da CAPES (PACHECO, 2020).

CONCLUSÃO

São três os principais grupos religiosos que sustentam a epistemologia cristofascista: O conservadorismo catolicismo, hoje unido à RCC, que desde a colonização articula a ideia de nação e família brasileira, e que em um projeto neocolonizador tenta restaurar o modelo de cristandade baseado na rigidez da tradição cristã, da família brasileira e da propriedade; O neopentecostalismo estridente, cujo projeto empresarial é de crescimento econômico do capital de seus líderes religiosos, vendendo a noção de luta para se ungir e conseguir de Deus a prosperidade individualista; O protestantismo tradicional, cuja doutrina da predestinação calvinista pensa o Estado a serviço da religião, mais especificamente, da parcela dos eleitos de Deus.

A combinação desses três elementos compõe uma cristologia fascista, expressão de uma espécie de ecumenismo fundamentalista ou ecumenismo do ódio (SPADARO; FIGUEROA, 2021) amplamente aceito no Brasil. Esse cristofascismo se promove por meio de uma teologia política autoritária (SCHMITT, 1988) baseada no ódio à pluralidade democrática, às alteridades Afro, indígenas, LGBTQI+, expressões de religiosidade popular, teologias feministas, ecológicas, negras, etc. Esse ódio é salpicado por técnicas governamentais de promoção da discriminação, a esses setores considerados heterodoxos (PY, 2020a, p. 29).

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A Idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. São Paulo: Vozes, 1989.

BIONDINI, Eros. *Presidente da República atende pedido de Eros Biondini em ato de consagração*. 21 de maio de 2019. Disponível em: http://www.erosbiondini.com/noticias/index_ver.php?cd_novidades=1008. Acesso em: 30 de jun de 2021.

CALVINO, João. Capítulo XXI. In: CALVINO, João. *As Institutas*. V. III. Disponível em: http://www.protestantismo.com.br/institutas/joao_calvino_institutas3.pdf. Acesso em: 30 de jun de 2021.

CANÇÃO NOVA. *Em visita à Canção Nova, Jair Bolsonaro atende a jornalistas católicos*. CN Notícias. 30 de Novembro De 2018. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/brasil/em-visita-cancao-nova-jair-bolsonaro-atende-jornalistas-catolicos/>. Acesso em: 30 de jun de 2021.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Dominus Iesus*. Roma, 06 de Agosto de 2000. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html. Acesso em: 30 de jun de 2021.

CNBB. *Nota de Esclarecimento*. 06 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Nota-de-Esclarecimento-CNBB-Comunicac%CC%A7a%CC%83o-Signis-e-RCR.pdf>. Acesso em: 30 de jun de 2021.

FONSECA, Alexandre Brasil. *Foram os Evangélicos que elegeram Bolsonaro?* IHU, 07 Novembro 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584446-foram-os-evangelicos-que-elegeram-bolsonaro>. Acesso em: 30 de jun de 2021.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

LIBÂNIO, João B. *Olhando para o futuro: Prospectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LOWY, Michael. *A guerra dos Deuses*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOWY, Michael. *O neofascismo de Bolsonaro diante da pandemia*. Blog da Boitempo Editorial, 24 de abril de 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/28/michael-lowy-o-neofascista-bolsonaro-diante-da-pandemia/>. Acesso em: 30 de jun de 2021.

MALAFAIA, Silas. *Concordo com Bolsonaro! O que é pior: coronavírus ou caos social?*. Youtube, 25 de março de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lJX3MTNEZE0>. Acesso em: 30 de jun de 2021.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: Antígona, 2014.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo de. *apud JUNGES, Márcia. Para Calvino, a eleição divina independe até mesmo da fé*. In: Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 23 de Novembro de 2009, Edição n. 316. Ano IX. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao316.pdf>. Acesso em: 30 de jun de 2021.

PACHECO, Ronilson. *Quem são os evangélicos calvinistas que avançam silenciosamente no governo Bolsonaro*. The Intercept Brasil, 4 de Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/02/04/evangelicos-calvinistas-bolsonaro/>. Acesso em: 30 de jun de 2021.

PY, Fábio. *Pandemia cristofascista*. São Paulo: Recriar, 2020a.

PY, Fábio. *Os fundamentos teológicos do bolsonarismo*. Youtube IHU, 17 de setembro de 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SY2eNW6n0po&t=342s>. Acesso em: 30 de jun de 2021.

PY, Fábio. *Cristofascismo, uma teologia do poder autoritário: a união entre o bolsonarismo e o maquinário político sócio-religioso*. IHU, 01 Julho 2020c. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/600150-cristofascismo-a-uniao-entre-o-bolsonarismo-e-o-maquinario-politico-socio-religioso-entrevista-especial-com-fabio-py>. Acesso em: 30 de jun de 2021.

PY, Fábio. *Padre Paulo Ricardo: cavaleiro de batina do apocalipse pandêmico*. IHU, 08 de Fevereiro de 2021. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/606430-padre-paulo-ricardo-cavaleiro-de-batina-do-apocalipse-pandemico-artigo-de-fabio-py>. Acesso em: 30 de jun de 2021.

SCHMITT, Carl. *Théologie politique*. Paris: Gallimard, 1988.

SÖLLE, Dorothee. *Beyond Mere Obedience: Reflections on a Christian Ethic for the Future*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1970.

SPADARO, Antonio; FIGUEROA, Marcelo. *Evangelical Fundamentalism and Catholic Integralism in the USA: A surprising ecumenism*. *La Civiltà Cattolica*, 11 de Fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.laciviltacattolica.com/evangelical-fundamentalism-and-catholic-integralism-in-the-usa-a-surprising-ecumenism/>. Acesso em: 30 de jun de 2021.

TINCQ, Henri. *Uma parte da Igreja foi para a direita, inclusive para a extrema direita*. IHU, 08 Abril 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/577734-uma-parte-da-igreja-foi-para-a-direita-inclusive-para-a-extrema-direita-entrevista-com-henri-tincq>. Acesso em: 30 de jun de 2021.

TROELTSCH, Ernst. *El carácter absoluto del cristianismo*. Salamanca: Sígueme, 1979.